UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

58

INSCRIÇÕES 266-270



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1998 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA
Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





ARA A JÚPITER DA CIVITAS COBELCORVM

Ara identificada, em Setembro de 1997, no decorrer dos trabalhos arqueológicos levados a cabo, pela Direcção Regional de Coimbra do IPPAR, na Torre de Almofala (freguesia de Almofala, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo). Encontrava-se na horizontal, com o campo epigráfico virado para cima, e estava dentro da área do *forum*, a cerca de 20 metros a nascente do templo e a 2 m a poente da colunata do *forum*.

Guarda-se actualmente na Casa da Cultura de Figueira de Castelo Rodrigo.

De granito de grão fino, alisado e moldurado nas quatro faces, o monumento está praticamente intacto, apenas com ligeiras escoriações no canto esquerdo da molduração superior.

O capitel ostenta um fóculo central súpero, de forma tendencialmente rectangular (as arestas são arqueadas), com 14,5 cm de comprimento, 10 de largura e 2 de profundidade. Ladeiam-no dois toros, um de cada lado, afastados, lisos. Existem, à frente e atrás, duas reentrâncias centrais (7 cm de altura, 10 de largura e 2 de profundidade), de fundo e paredes alisados, cuja funcionalidade nos parece mais decorativa que utilitária. O conjunto resulta esteticamente deveras original, não tendo paralelos conhecidos na epigrafia do Ocidente da Lusitânia. Uma faixa saliente, de 4 cm de altura, encima a moldura de separação com o fuste, moldura essa de gola encurtada (com 10 cm), a que se segue um filete directo.

A molduração da base é de garganta reversa, com ranhura a separar da parte que, por não estar tão cuidadosamente alisada, poderia não assentar no solo mas encaixar num plinto.

Dimensões: 89,5 x 44 x 24. Campo epigráfico: 36,5 x 41.

IOVI · OPTVMO / MAXVMO / CIVITAS / COBELCORVM A Júpiter Óptimo Máximo – a cidade dos Cobelcos. Altura das letras: l. 1 a 3: 4,5; l. 4 : 5,5/5 (O = 4,5). Espaços: 1: 1,5; 2 a 4: 4,5; 5: 2,5.

Paginação muito regular e cuidada, em que foram, sem dúvida, utilizadas linhas de pauta, hoje imperceptíveis; tendência para um eixo de simetria não inteiramente conseguido, pois o *ordinator* preferiu, nas linhas 2 e 3, alinhamento à esquerda. Ponto redondo, na l. 1. Caracteres do tipo monumental quadrado, gravados em bisel: note-se a quase perfeita circularidade do O, a simetria do X, do V e do S, a perpendicularidade do conjunto; P aberto, M amplo, B assimétrico, barras horizontais breves (a do A apenas esboçada). Sobre o A de *civitas* um *apex*, a denotar bons conhecimentos da fonética latina. Aliás, o monumento, na sua tipologia e na sobriedade do texto, denuncia uma oficina perfeitamente adestrada nos cânones clássicos, sendo, do ponto de vista paleográfico e tipológico, datável dos primórdios do século I da nossa era.

E se mais um testemunho do culto a Júpiter nesta região da Lusitânia não é de admirar, pois que outros exemplos aí têm sido detectados, a descoberta desta inscrição veio resolver várias questões que se encontravam em aberto quer relativamente à natureza dos vestígios romanos encontrados na Torre de Almofala, quer relativamente à existência, na região, de um grupo étnico – os COBELCI.

A hipótese, que já levantáramos, de estarmos perante o templo de um *forum*, onde se adoraria uma divindade clássica(¹), ficou assim definitivamente comprovada, podendo agora afirmar-se com segurança que o templo que existiu na Torre de Almofala era o templo do *forum* de uma *civitas*, a dos *Cobelci*, colocando-se, desta forma, um ponto final na discussão sobre se este termo, que se conhecia da documentação epigráfica(²), era um *cognomen* ou uma indica-

⁽¹) FRADE, Helena, "Novos elementos sobre o templo romano de Almofala", *Conimbriga* 29 1990 91-101.

⁽²⁾ Temos, até ao momento, três testemunhos de Cobelci:

Modestus, Ambati filius, em Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo: CIL II
 433; Fernando Patrício CURADO in Beira Alta 44 1985 643-645 = HEp 2 793.

em Marialva (Meda), o dedicante duma ara votiva, cujo nome desapareceu,
 mas que é filho de *Flaccus*: Fernando Patrício CURADO in *Ficheiro Epigráfico* 11
 1985 n.º 46 = AE 1985 526;

⁻ em Mérida, Martialis, Oclati filius: HEp 3, 95.

ção de *origo*(³). Os Cobelcos são, pois, o povo pré-romano que vivia na zona de Figueira de Castelo Rodrigo e que, na época romana, tinha o seu centro político-administrativo na colina onde se ergue a Torre de Almofala.

HELENA FRADE





⁽³⁾ Cf. Juan Manuel Abascal Palazón, Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania, Múrcia, 1994, p. 332, s. v. «Cobelcus».

ARA A JÚPITER DE OVADAS (RESENDE)

(Conventus Scallabitanus)

Ara votiva, de granito de grão fino, identificada, em Julho de 1996, no lugar de Vila Pouca, freguesia de Ovadas, concelho de Resende, quando se procedia a trabalhos de remodelação do altar da capela.

O monumento não foi retirado do local e encontra-se embutido no próprio altar, com a face epigrafada visível, sendo objecto de grande veneração por parte da população local.

Está bastante danificado pela erosão; a capitel e a base foram "afeiçoados" para melhor servirem os intuitos da reutilização. Assim, o capitel poderia ter ostentado fóculo, hoje inteiramente desaparecido, devendo-se o seu desbaste ao facto de a peça haver sido usada para base de uma mesa. Entretanto, resta da molduração uma faixa bem saliente, em cuja a face, aliás, se encontra a primeira linha do texto. De resto, também a fórmula final foi gravada após a ranhura que, em princípio, deveria delimitar inferiormente o campo epigráfico. A base é invulgarmente alta e deveria ter tido moldura do tipo gola reversa.

Dimensões: (89) x 33,2/30/35,1 x 24.

Campo epigráfico: 59 x 29.5.

CAPITO / MEDAM/I . F(ilius) . MILES / . C(ohortis?) . P(rimae?) . / 5 INTVRA/IORVM (?) / IOVI . / (V(otum) . L(ibens) . S(olvit).

Capitão, filho de Medamo, soldado da I (?) Coorte (?) dos Inturaios (?), cumpriu o voto de livre vontade a Júpiter.

Altura das letras: 1. 1: 7,8; 1. 2: 5,5/6; 1. 3: 6/7; 1. 4: 4.5/5; 1. 5: 6/6,5; 1. 6: 6; 1. 7: 5,5/6; 1. 8: 7/7,5. Espaços: 1: 0,9; 2: 0,8; 3: 0,7; 4: 0,7; 6: 0,8; 7: 6.

Paginação com alinhamento à esquerda, aproveitamento todo o espaço disponível mesmo para além dos limites do campo epigráfico. A pontuação assume ora a forma de pontos redondos ora a de breves travessões. Caracteres do tipo monumental quadrado: O bem circular; P aberto, M amplo, S simétrico, R feito a partir do P.

A única dificuldade de interpretação — a acarretar, por isso, inclusive alguma dúvida de leitura — reside nas 1.4 e 5. Afigura-senos que o *ordinator* só escreveu C . P, colocando as siglas entre os pontos por razões de estética. A interpretação que apresentamos afigura-se-nos pausível, atendendo à época precoce a que o monumento parece reportar-se. Na 1.5, a iluminação não nos permite uma fidelidade absoluta, mas a 2.ª letra assemelha-se a um N (tendo em conta o módulo dos MM) e o resto não nos oferece dúvidas, embora nada possamos adiantar acerca do significado dum eventual etnónimo *Inturaii*. Tratar-se-á, certamente, duma "unidade suprafamiliar", por enquanto desconhecida, apesar de, pela onomástica do *miles*, podemos adiantar, sem grande margem para erro, que estaremos perante uma estrutura organizacional indígena peninsular e, quiçá, mesmo lusitana.

Na verdade, o dedicante identifica-se à maneira indígena: *Capito* é cognome de origem latina de uso muito frequente, inclusive na Península Ibérica, dado o seu significado concreto ("o da cabeça grande")(¹); *Medamus* constitui, a darmos crédito aos oito exemplos registados(²), um antropónimo típico da metade setentrional da Lusitânia, com algumas "incursões" na área portuguesa da *Hispania Citerior*.

Não é de estranhar, no soldado indígena, uma dedicatória a Júpiter, como forma de solicitar protecção ao deus maior dos Romanos e, também, em jeito de profissão de fé a que os interesses político-sociais também não terão sido de todo alheios. Já a menção do teónimo no final do texto merece reflexão, pois poderá indiciar que a ara se destinou a um local de culto habitual: a inclusão da identificação do dedicante à cabeça vai permitir mais fácil individualização no meio do acervo de ex-votos semelhantes. A fórmula final cumpre o preceituado em casos idênticos.

⁽¹) Juan Manuel Abascal Palazón refere cerca de meia centena de testemunhos peninsulares: cf. Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania, Múrcia, 1994, p. 316-317.

⁽²) Cf. Abascal Palazón, o. c., p. 425, que salienta serem metade dos testemunhos patronímicos, em genitivo.

Pela paleografia e pelo modo de identificação do dedicante, é monumento datável dos primórdios do século I da nossa era.

Alexandre Lourenço Correia José d'Encarnação Luís M. Silva Pinho





ESTELA FUNERÁRIA DE S. PEDRO DO CASTRO FERREIRA DO ZÊZERE

(Conventus Scallabitanus)

Em Junho de 1997, no decorrer duma visita escolar à capela de S. Pedro do Castro, freguesia e concelho de Ferreira do Zêzere, realizada com o intuito de divulgar as lápides romanas aí existentes, foi detectado um novo epitáfio¹. Esta descoberta só foi possível devido a obras recentes, efectuadas no interior da capela.

Trata-se de uma estela, de calcário, reutilizada no chão da capela, à direita do altar-mor, sob um móvel que se encontra embutido entre o altar e a parede do templo. O monumento não está completo, subsistindo apenas a parte inferior. A superfície sofreu um grande desgaste, certamente devido à constante deambulação no local, em época anterior à colocação do móvel acima mencionado.

O campo epigráfico foi rebaixado, apresentando uma moldura do tipo gola directa com um filete. O desgaste sofrido pela pedra afectou não só a moldura, mas também a maior parte das letras do texto.

⁽¹) A capela de S. Pedro do Castro está situada num cabeço sobranceiro ao rio Zêzere, no qual têm surgido vestígios arqueológicos atribuíveis quer ao Bronze Final, quer à época romana; salientem-se os epitáfios romanos reutilizados nas paredes da capela, que constituem o maior núcleo epigráfico na área rural da *civitas* de *Seilium*. No que respeita a S. Pedro do Castro, vide ALARCÃO (Jorge de), «O território de *Sellium*», *Actas do Seminário "O Espaço Rural na Lusitânia. Tomar e o Seu Território"* (Tomar, 17 a 19 de Março, 1989), Tomar,1992, 9-23; BATATA (Carlos), «Castro de S. Pedro (Ferreira do Zêzere)», *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, nº 14, Março de 1991, 9-23; PONTE (Salete da), «Uma foice da Idade do Bronze de S. Pedro do Castro (Ferreira do Zêzere)», *Portugália*, n. s., vol. XV, 1994, 154-157. Relativamente às inscrições romanas, consulte-se FERNANDES (Luís da Silva), «A população romana de Ferreira do Zêzere», *Munda*, nº 34, Novembro de 1997, 37-48, com mais bibliografia;

Dimensões: 41/24 x 38 x (?) cm. Campo epigráfico: 27 x 30 cm.

[...] / [PIE]NT[I]S[S]I (/) MAE [POS]V/ERVNT / H(ic) S(ita) [E(st) S(it)] T(ibi) T(erra) L(evis)

A (...) — (...) colocaram à (...), modelo de piedade. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

Letras: 1. 1: (?); 1. 2: 5/5,2; 1. 3: 4,5/5: 1. 4: 4,5/5,2 cm. Espaços: 1: (?); 2: 1,5/1,8; 3: 1,3; 4: 4,5/5,5 cm.

O texto parece estar alinhado à esquerda, tendo sido cortadas algumas palavras na translineação. A letra é do tipo monumental, com tendência actuária. A largo, mas pouco simétrico; E com barras estreitas e pouco simétrico; L com barra horizontal oblíqua; M e N simétricos; R estreito; S vertical embora pouco simétrico; T com barra estreita e rectilínea; V igualmente estreito.

A parte inicial da epígrafe perdeu-se, subsistindo apenas as quatro últimas linhas. A actual primeira linha, afectada pela fractura superior, ostenta o vértice inferior de um N, uma haste vertical que poderá pertencer a um T ou a um I, a parte inferior de um S e novamente uma haste vertical; entre os vestígios da segunda letra e o S existe espaço para mais uma letra, bem como entre o S e a última letra. A linha 2 apresenta três letras (MAE) que constituem certamente a parte final de uma palavra, no genitivo ou no dativo, cortada pela translineação. A reconstituição da palavra apresenta alguma dificuldade; no entanto, tendo em conta que se trata do final de um epitáfio, supomos que as referidas letras pertenceriam a um adjectivo superlativo (carissimae, piissimae, pientissimae, merentissimae), que qualificaria a defunta. Optou-se pelo adjectivo pientissima (certamente no dativo) considerando os seguintes factores: antes do N existe espaço para mais três letras (PIE) — note-se a largura do E e do R da terceira linha; a haste vertical imediatamente a seguir ao N, poderá ser um T, existindo espaço para um I, antes do S; o desgaste da pedra não permite detectar vestígios de um segundo S, mas há espaço disponível para

alguns dos epitáfios foram já publicados por E. Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim, 1869, vol. II (= CIL II), n.ºs 335 e 336.

ele; finalmente, a última haste vertical pode corresponder a um I. Na linha seguinte estão gravadas as três últimas letras do adjectivo (MAE). Note-se ainda que *pientissimus* é o adjectivo mais utilizado na epigrafia funerária do *conventus Scallabitanus*, qualificando preferencialmente mulheres².

No final da linha 2, pode ainda observar-se a letra V, que seria antecedida de outras letras que desapareceram devido ao desgaste. No início da linha seguinte distinguem-se somente as letras finais de um verbo, na forma plural (ERVNT), igualmente cortado pela translineação. Trata-se, muito provavelmente, do verbo que se refere à actuação dos dedicantes; entre as várias possibilidades (*curaverunt*, *posuerunt*, *statuerunt*...) parece-nos mais adequado o verbo *pono*, atendendo ao espaço disponível e aos paralelos da epigrafia desta região³.

Finalmente, na linha 4, foram gravadas as siglas das habituais fórmulas funerárias, das quais apenas cinco são visíveis (H, S, T, T, L).

O monumento é datável de finais do século I d. C. ou inícios do século II d. C., pela paleografia e pelo formulário.

Cláudia Chambel Nobre Eduardo Mendes Luís da Silva Fernandes Paulo Arsénio

⁽²) Cf. FERNANDES (Luís da Silva), *A Presença da Mulher na Epigrafia Romana do Conventus Scallabitanus* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras do Porto), Porto,1996 (policopiada): 10-14; Quadro I e Gráficos 1, 7 e 9.

⁽³⁾ Vide FERNANDES (Luís da Silva), «Inscrições romanas de Tomar e seu termo», *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, nº 21, Outubro de 1997: nº 3 = CIL II 332 (Tomar) — P(osuit); nº 5 = CIL II 333 (Tomar) — P(osuit); nº 8 (Vila Nova, Tomar) — PO(suit).



Ficheiro Epigráfico, 58, 1998

269 ARA ANEPÍGRAFA DE MEDA

(Conventus Scallabitanus)

Monumento, actualmente anepígrafo, de granito de grão grosso, descoberto pelo signatário em plena área urbana do concelho da Meda, desgarrado de qualquer contexto arqueológico. Encontra-se actualmente no estaleiro da Câmara Municipal de Meda¹.

O capitel apresenta uma moldura *sui generis*: do lado esquerdo um quarto de círculo direito e do lado direito uma faixa direita. O campo epigráfico apresenta-se rebaixado em relação à base.

Dimensões: capitel - 21 x 59 x 34; fuste - 33 x 46 x 34; base - 86 x 46 x 39.

Campo epigráfico: 33 x 46.

O monumento foi reaproveitado para "tranqueira" de uma porta, apresentando, aliás, ainda no lado esquerdo um espigão de ferro, que o penetra lateralmente.

O espigo inferior poderá resultar do reaproveitamento. A hipotética epígrafe que pudesse conter desapareceu nesta altura; no entanto é mais provável que a peça aguardasse em tosco, numa oficina epigráfica, a encomenda de algum cliente².

Não é estranha a presença nesta área de tal monumento, uma vez que se localizava aqui a capital dos *Meidubrigenses*³.

Igualmente na área deste concelho se situava a Civitas Aravorum⁴

⁽¹) Para onde foi transferida a pedido do autor, que agradece a colaboração de Dr. João Mourato, presidente da Câmara Municipal.

⁽²⁾ Hipótese amavelmente sugerida pelo Professor Doutor José d'Encarnação, a quem agradecemos os utilíssimos conselhos.

⁽³⁾ Alarcão Jorge, Nova História de Portugal - Das Origens à Romanização, Editorial Presença, 1990, p. 370.

⁽⁴⁾ Rodrigues, Adriano Vasco, Terras da Meda - Natureza e Cultura, Meda, 1984, p.70.

(CIL II 428 = ILER 153), identificada graças à epigrafia. Existem ainda na área do concelho outras epígrafes já publicadas⁵.

Duas hipóteses se levantam quanto ao local de origem desta peça: ou procede de Marialva (área da *Civitas Aravorum*), que se situa a poucos quilómetros de Meda, para onde terá sido transportada para a construção de uma casa que se erguia na zona, onde foi encontrada⁶; ou será originária da própria vila de Meda. A verificar-se esta última possibilidade, será a primeira epígrafe proveniente da sede de concelho.

António José Fernandes Heitor



⁽⁵⁾ Vide Curado, Fernando Patrício, Ficheiro Epigráfico, 11, Coimbra, 1985, Inscrições 44 a 47.

^(°) Casa esta que foi destruída nos anos 60 aquando da construção da actual Avenida Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

270 MOLDE VISIGÓTICO DA EGITÂNIA

Fragmento cerâmico bastante irregular, de pasta acastanhada com algumas impurezas quartzíticas e feldspáticas, que encontrámos semiemerso, no leito do rio Ponsul, em Idanha-a-Velha, concelho de Idanha-a-Nova, numa zona à ilharga da antiga catedral e ultrapassado o arco que serve de portal da muralha.

Encontra-se na posse do signatário¹.

Tenderia inicialmente para o formato paralelepipédico rectangular, mas todo o recorte lateral que nos resta se apresenta esborcelado, excepto na face lateral direita, onde revela uma saliência propositada para apoio dos dedos, uma espécie de pega. Tanto a face superior como a inferior foram alisadas, embora toscamente, restando mesmo uma porção de superfície na margem inferior esquerda por alisar. Perdeu o canto inferior esquerdo. Enfim, não fora uma cartela impressa sensivelmente a meio do plano facial anterior, com alguns sinais gráficos, e não passaria de uma pega grosseira e vulgar.

Dimensões: 11 x 14 x 3,5. Campo epigráfico: 3,8 x 7.

Altura dos caracteres completos: 2,5.

O campo epigráfico, que se encontra rebaixado uns 2/3 mm relativamente ao plano, é delimitado por uma moldura interior em negativo, com um finíssimo listel. Apesar da fractura e da acção dos agentes erosivos, ficou-nos parte da cartela, não sendo, contudo, possível reconstituí-la na totalidade, nem sequer ficou-nos alguma palavra ou sigla com absoluta certeza.

Todos os caracteres se apresentam em relevo, com vértices triangulares, a fazerem lembrar certas legendas e anagramas visigóticos. Da esquerda para a direita: há indício de uma primeira letra, impossível de recuperar devido à fractura, seguindo-se-lhe uma cruz

⁽¹) Apresentámos esta peça numa comunicação ao II Colóquio Arqueológico de Viseu, em cujas actas não foi incluída. Aqui se dá uma síntese do que então dissemos.

Agradecemos ao Prof. Doutor José d'Encarnação as sugestões de interpretação da eventual funcionalidade da peça.

latina a que falta a base, um provável 1, um N (ou M?) invertido, rematando com um outro 1, este bem nítido.

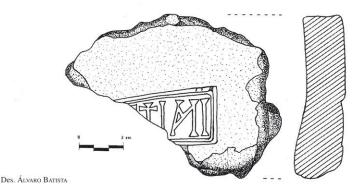
Não conhecemos, à primeira vista, nenhum paralelo, sequer aproximado, mas são vários os indícios que apontam para que se trata de um molde para fundição de uma chapinha metálica, designadamente o provável N invertido (em negativo) e a profundidade do rebaixamento. Que tinha objectivos de cariz religioso, di-lo inequivocamente a cruz, tanto mais que vem associada a letras capitais, que tudo indicam sejam as siglas de expressões correntes do ideário cristão desde os seus tempos mais arcaicos, tais como IMI (*Iesus Maria Ioseph*) ou INRI (aqui, eventualmente, com troca de letras: *Iesus Nazarenus Iudaeorum Rex*).

A provar que se trata de um molde poderão advogar ainda os seguintes argumentos: a existência da "pega"; as letras em relevo; a superfície "batida" da retaguarda, onde se percutiria para as duas partes do molde se ajustarem melhor; o próprio material (argila refractária?). Poderia ter servido para moldar uma daquelas placas que é costume afixar, por exemplo, nos crucifixos.

Quanto à cronologia, situamos a peça por volta do século VII. Baseamo-nos para isso no tipo de cruz aqui empregue, que é assaz frequente nesse período, bem como no facto de ter sido essa a época de maior esplendor de Egitânia, após a construção da sé episcopal até ao seu arrasamento pelos Árabes, em 713.

O interesse da peça não reside apenas na sua raridade: por ela fica também documentada a existência na cidade, na época a que o achado se reporta, de duas importantes indústrias - a cerâmica e a metalúrgica.

Joaquim Candeias da Silva



Ficheiro Epigráfico, 58, 1998